



TRÊS EM UM

Victor Junger¹

Em meio às condições que se arrastavam por meses, somente um jantar poderia aquecer o relacionamento de Fernando e Patrícia. As meias palavras trocadas e o pouco apetite sexual contrastavam com o sucesso profissional de Fernando. Seu livro *Pensamento Positivo: a arte de viver* já havia superado a marca dos 100.000 livros e prometia uma segunda edição, acrescida com novo prefácio e biografia do autor.

O casal nunca pôde gozar de tamanho alívio financeiro: viagens, restaurantes e carros. E, muito embora exercessem satisfatoriamente seu novo e invejável estilo de vida, nem Fernando nem Patrícia conseguiam se realizar entre quatro paredes. A verdade dos fatos era que, para Fernando, pouco lhe valia a sua *arte de viver*. Seu sexo, para a infelicidade de ambos, não comportava o *pensamento positivo*.

Ao contrário, sua vida era apenas a cosmética de um produto ruim, sem qualidades e de pouco apelo emocional. O escritor que se tornara nos últimos anos nada mais era do que um simples e bem educado senhor de meia-idade. Sem a chama da paixão, sem o tempero do sexo, Patrícia se mostrava cada vez mais distante.

E eis que, enquanto jantavam, Fernando resolveu corajosamente proferir o convite. Sem qualquer opção, de modo a disfarçar seu constrangimento, Patrícia engasgou-se com os aspargos de um salmão que cozinhou durante horas. Após se recuperar da tosse, e, em seguida, de sua surpresa, ela o fitara sem emitir qualquer palavra. Bebera um grande gole de vinho. Pigarreara. E, como quem enfrenta algo inevitável, consentiu.

Primeiro, um pouco assustada, depois resoluta e, por fim, satisfeita. Patrícia já se encontrava confortável novamente. Aliviado, Fernando se deliciava com as pequenas risadas com que Patrícia concluía cada frase. Não se enganara ao compartilhar tamanho segredo. Seu

¹ Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Atualmente, é mestrando do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGARTES/UERJ), bolsista CAPES e integrante do grupo Estudos Culturais em Educação e Arte - UFRRJ/UERJ.



relacionamento, afinal, parecia retomar o calor dos primeiros dias. Mas o tempo urgia e, para evitar qualquer desistência de Patrícia, ele precisava realizar rapidamente seu plano.

Uma terceira pessoa, portanto, deveria ser encontrada...

*

A simples possibilidade de uma companhia entusiasmava Fernando, que já esboçava o cardápio que iria compor o banquete. Risoto à tailandesa e *guacamole* de papaia; tucunaré empanado com sementes de papoula e creme de milho flambado no Martine; sopa de *funghi* servida em uma moringa e mousse de frutas vermelhas conservado em tulipas de *murano*. Foi colecionando estranhas receitas e detalhes insólitos que, em suas mãos, o tão esperado jantar já se encontrava praticamente arquitetado.

Mas os cálculos de Fernando, longe de consolarem Patrícia, deixavam-na ainda mais preocupada. Embora jamais tivesse confessado, Patrícia sabia que Fernando sempre fora pouco criterioso com suas escolhas afetivas. As suspeitas de Patrícia foram confirmadas quando ainda moravam em Nova Iguaçu, após um acidente sofrido por Fernando. Atropelado por uma de suas antigas namoradas, graças à galhofa de seus amigos, Fernando não pôde esconder o acontecido por muito tempo. Patrícia, que se considerava um verdadeiro marco na vida de Fernando, não deixaria para ele todo o encargo da ceia. Estava decidida a intervir.

Sem titubear, aproveitou a experiência que acumulara como ginecologista e pôs a mão na massa! Em seu consultório passavam inúmeras mulheres, com seus irremediáveis complexos e suas angustiantes dúvidas. Desde que tomara para si a incumbência de encontrar a companhia apropriada, Patrícia resolveu ferir os protocolos clínicos, assim prescritos pela medicina tradicional. Ao longo de toda a semana, sem luvas, passou a tocar as paredes vaginais de suas pacientes, por sua vez, excitadas ao sentir em lugar tão íntimo os delicados dedos da médica.

Eram aveludadas, mas sinuosas. Elásticas, embora muito áridas. Bonitas, mas ainda assim muito viscosas! Ora, suas pacientes pareciam estar completamente afastadas de seus objetivos. Em um ato de desespero, quando não pôde mais prosseguir com suas insidiosas pesquisas, Patrícia, ao escapar de seu consultório e atingir a praça de alimentação da Clínica, deparou-se com uma figura muito estranha.



Vulgar e artificialmente loira, esta mulher se encontrava sentada saboreando uma pálida gelatina de tutti-frutti. Existia um apelo na forma como ela a ingeria e respirava profundamente a fim de extrair todo o sabor da gelatina. Aos olhos de Patrícia, era um verdadeiro chamado o modo como esta mulher movia as mandíbulas, fazia circular sua língua pelo céu-da-boca para, enfim, acariciar seus lábios. Ela estava certa de que seria preciso se aproximar dela.

Patrícia, em sua hipnose alimentícia, decidiu se apresentar a moça que, por sua vez, considerou tudo excessivamente estranho. Patrícia se sentou abruptamente e tentou esboçar uma conversa: a contratação de uma nova secretária, a impossibilidade de encontrar pessoas qualificadas, o perfil de suas clientes, garantias de perspectiva profissional, etc. Patrícia, após alguns minutos, lhe entregou seu cartão e solicitou um telefone para contato. E ao se despedir, quando do toque de suas mãos, pôde então sentir um arrepio que devastou integralmente seu corpo.

Estava convicta de que esta era a mulher que tanto procurava.

*

O porteiro anunciou a chegada da convidada. Fernando concluía os últimos detalhes da ceia que, em vista do que sua esposa narrara, deveria ser perfeita. De fato, não se surpreendera com o feliz encontro de Patrícia que, afinal, revelou o que sempre poderia esperar dela ou, ao menos, o que sempre desejaria esperar de sua mulher.

Foram inúmeras as noites em que Fernando fantasiou Patrícia para além de suas posições habituais. Inúmeras. Até onde era capaz de se lembrar, Fernando sempre procurou ignorar as imagens que, em muitos de seus sonhos, apresentavam as delícias do sexo com Patrícia, do sexo *também* com Patrícia, do sexo *sem* Patrícia. Persistentes e ainda irrealizadas, estas imagens agora o faziam ruminar algumas justificativas tacanhamente psicológicas. Uma forma, talvez, de recalcar seus efeitos subversivos. Uma forma de não se perder no contrassenso de suas fantasias.

A campainha anunciou a convidada.

Vânia chegara pontualmente ao apartamento do casal em um tubinho vermelho, seios fartos e lábios umedecidos com *glitter* sabor morango. As marcas de biquíni se encontravam



nítidas – duas faixas claras que riscavam seu colo. Sua pele, provavelmente banhada em duvidoso bronzeador, cozinhou em incontáveis tardes.

As recomendações clínicas propagadas pela televisão não pareciam, assim, produzir qualquer efeito em Vânia. Acima de tudo, por desejar esta tonalidade, a ponto de atingi-la, ela seria capaz de arder audaciosamente sob o Sol durante meses. Assim, ainda na soleira da porta, Vânia irradiava sua obstinada força e o rigor com que preparara seu corpo para o banquete.

Patrícia a convidou para entrar, enquanto Fernando apreciava imoderadamente suas curvas. Estava tímida, casta e silenciosa. Não arriscou nenhuma palavra. Ao se sentar, colocou os joelhos e recostou suas costas de modo a se adequar à sofisticada decoração do apartamento. Por alguns instantes, os inúmeros talheres, pratos e taças pareciam intimidar Vânia, por sua vez, tão vulnerável e imóvel quanto uma gueixa.

Patrícia lhe trouxe o antepasto, pequenos canapês com arrojados formatos, prenunciando assim os diferentes sabores que circulariam pela mesa. Vânia sorriu timidamente e, como os anfitriões acenavam para que não fizesse cerimônia, ela então aceitou os aperitivos.

Um primeiro assombro, então, acometeu Fernando. Para surpresa dele, a moça se servira com as mãos nuas, em forma de garras, capturando todos os possíveis canapês da bandeja. Este movimento repentino assustou Fernando, que procurou recobrar a razão e arriscar uma justificativa plausível para o que se passava, sem moderação e pudor, à sua frente.

Tamanho espanto também foi sentido ao contemplar o modo como a moça mastigava o antepasto. Cuspidos com voracidade, ao comprimir os alimentos com os dentes, pedaços de atum e ricota caoticamente escapavam de sua boca. Azeitonas e orégano permaneciam teimosamente por toda a sua arcada. E, quando, enfim, terminara de mastigar os canapês, seu colo apresentava as migalhas do que sobrevivera à sua primeira e mais aterradora investida.

Vânia sorria aparentemente satisfeita.

Mas, acima de tudo, esta prometia ser uma grande noite, a realização de seus sonhos, o encontro com outras possibilidades de prazer, a transposição de uma vida amena para uma sucessão de acontecimentos inesquecíveis. Como desconhecia Vânia, Fernando se esforçava por relevar o que acabara de ver, atendo-se ao que poderia ser experimentado após o banquete. Desse modo, preferia pensar que tamanha fome, com justiça e a todo o custo, precisaria ser saciada. O



corpo da mulher, afinal, não negava sua força. E, por um átimo de segundo, percebeu que Patrícia se encontrava excessivamente serena.

O jantar deveria ter continuidade.

Temperando a mesa com diferentes matizes e texturas, Fernando apresentava as iguarias de seu cardápio, cuidadosamente preparadas com os rigores da mais sofisticada gastronomia. O aroma da comida, misturado aos sons dos talheres, impelia todos a entregarem-se ao saboroso momento. Dilatação do tempo, intensificação dos sentidos. Os três sorviam os bálsamos da mesa posta.

Em um de seus retornos da cozinha, Fernando percebeu que as formas de Vânia começavam a se precipitar para fora do vestido. Ela cresceu ou, mesmo, engordou no pequeno período em que esteve com eles. Fernando, por sua vez, fitava Patrícia, que parecia estar ainda calma e estranhamente concentrada. O olhar de sua esposa parecia resolutamente atraído pela figura de Vânia. Estaria ele enganado?

Talvez Vânia fosse um pouco maior do que pôde notar. Um simples equívoco de quem estivera absorto em suas próprias fantasias – Fernando assim pensava. Voltou-se, então, para o seu prato e continuou a refeição.

Para acalentar os ânimos, decidiu recompor a mesa com novas iguarias. Mas, antes mesmo da sopa ser servida, um dos seios de Vânia escapara de seu vestido e ficara dependurado como um imenso pêndulo sobre o seu colo. Fernando, que neste momento segurava a sopa, deixou a travessa cair no chão, derramando o líquido pelo chão da sala de jantar. Como a sopa ameaçava atingir o seu tapete, Fernando se pôs a encontrar algo que pudesse conter o líquido.

Conforme Vânia devorava os saborosos pratos de Fernando, seu rosto ficava ainda mais inchado, seu vestido comprimia seu corpo, e sua silhueta já excedia sua antiga forma para contornos horrendamente grandes. A cadeira rangia, incapaz de suportar todo aquele peso.

Patrícia, por sua vez, parecia ainda mais concentrada, mais seduzida por Vânia. Fernando estava desnorreado: tudo parecia escapar ao bom senso e, principalmente, ao que de início havia planejado. O vestido de Vânia, por fim, começou a rasgar. Quando Fernando, sem mais suportar tamanha excentricidade, fez menção de tomar uma atitude mais enérgica, Patrícia então lhe dirigiu a palavra:



– Traga o *Sauvignon*!

Fernando nunca viu Patrícia em tal estado e, como se encontrava demasiadamente convicta, resolveu seguir suas ordens. Foi à cozinha em busca do vinho.

*

E o silêncio estranhamente se abateu sobre o apartamento. Ao sair da cozinha com a garrafa de vinho nas mãos, Fernando não as encontrou mais na sala, por sua vez, repleta de pedaços de alimento por todos os lados. Por alguns instantes, ele hesitou em iniciar sua busca, temeroso em se deparar com algo que pudesse contrariar suas expectativas.

Ao corredor, ele escutou os ruídos felinos de Patrícia, que não passavam de um índice dos melhores efeitos do banquete. Cada passo o conduzia à realização de uma imagem que, em última instância, concernia às secretas delícias de seu prazer. Ele avançava pelo corredor em direção à porta do quarto, de onde escapavam inadvertidamente os balbucios sigilosos de um corpo, como quem está prestes a cruzar a tenebrosa soleira dos desejos impuros.

Sem precipitar os sentimentos que, neste inusitado encontro, o acometiam ao paroxismo de seu sexo, Fernando colara o ouvido à porta de modo a apreciar os sons produzidos por dois corpos confrontados e que insidiosamente evadiam do quarto para além dos demais espaços do apartamento.

Moveu a fechadura, excessivamente excitado, para a enigmática descoberta do sexo entre mulheres que, agora, à penumbra do quarto, não poderia ser desvendado. Fernando procurou se esgueirar próximo às paredes, já que tamanha cena não poderia, de modo algum, ser interrompida.

Mas a surpresa de Fernando atingiu as raias do desespero quando suas pupilas dilataram e seus olhos atravessaram com segurança a escuridão. Tal quadro era um misto de horror e fetiche erótico.

Vânia havia crescido em demasia, tornando-se uma massa de carne cujos membros, agora proporcionalmente pequenos, giravam em desespero pelo ar, tal como um inseto com seu exoesqueleto imobilizado contra o chão. Estava nua; e suas pernas ofereciam o tortuoso caminho a uma buceta superiormente grande.



A pelagem cobria as bordas dos lábios que, umedecidos por um líquido oleoso, sussurravam pequenos ruídos reconfortantes. O imenso orifício exalava a temperatura cálida de suas paredes aveludadas, quando, ao fundo, um túnel destinava à escuridão os sedutores mistérios de uma vagina hiperbolizada. Suas camadas eram muitas e, portanto, difíceis de serem desbravadas em um jantar ou em uma noite. Fernando poderia penetrá-la integralmente, com todo o seu corpo, e assim sentir em sua pele todas as possíveis zonas de que se fazem os prazeres femininos.

Quando notou a ausência de Patrícia, o grande corpo gelatinoso desencadeou uma sucessão de engasgos fleumáticos. Fremeia, inicialmente, ao tentar por em movimento todo o seu peso. Mas Fernando percebeu o engano: Vânia parecia regurgitar alguma coisa com a força de suas entranhas.

Após uma cadeia de flatulentos esforços, um sapato feminino foi cuspidado pela grande vagina. Fernando o reconheceu imediatamente: Patrícia forçosamente atravessara o túnel quimérico desta mulher, sendo consumida pelo imperativo de seu desejo.

A nectarina espumava sobre a polpa carnuda de seus contornos. Fernando contemplava a untuosidade daquela fissura genital contra a grande massa corpórea. Ali, onde residia a sagração do céu e do inferno, a buceta o convidava, com a ternura de seus lábios, ao verdadeiro banquete. Este, assim como Patrícia, foi o seu destino e fim: devorado pelas pregas incandescentes de sua fantasia.